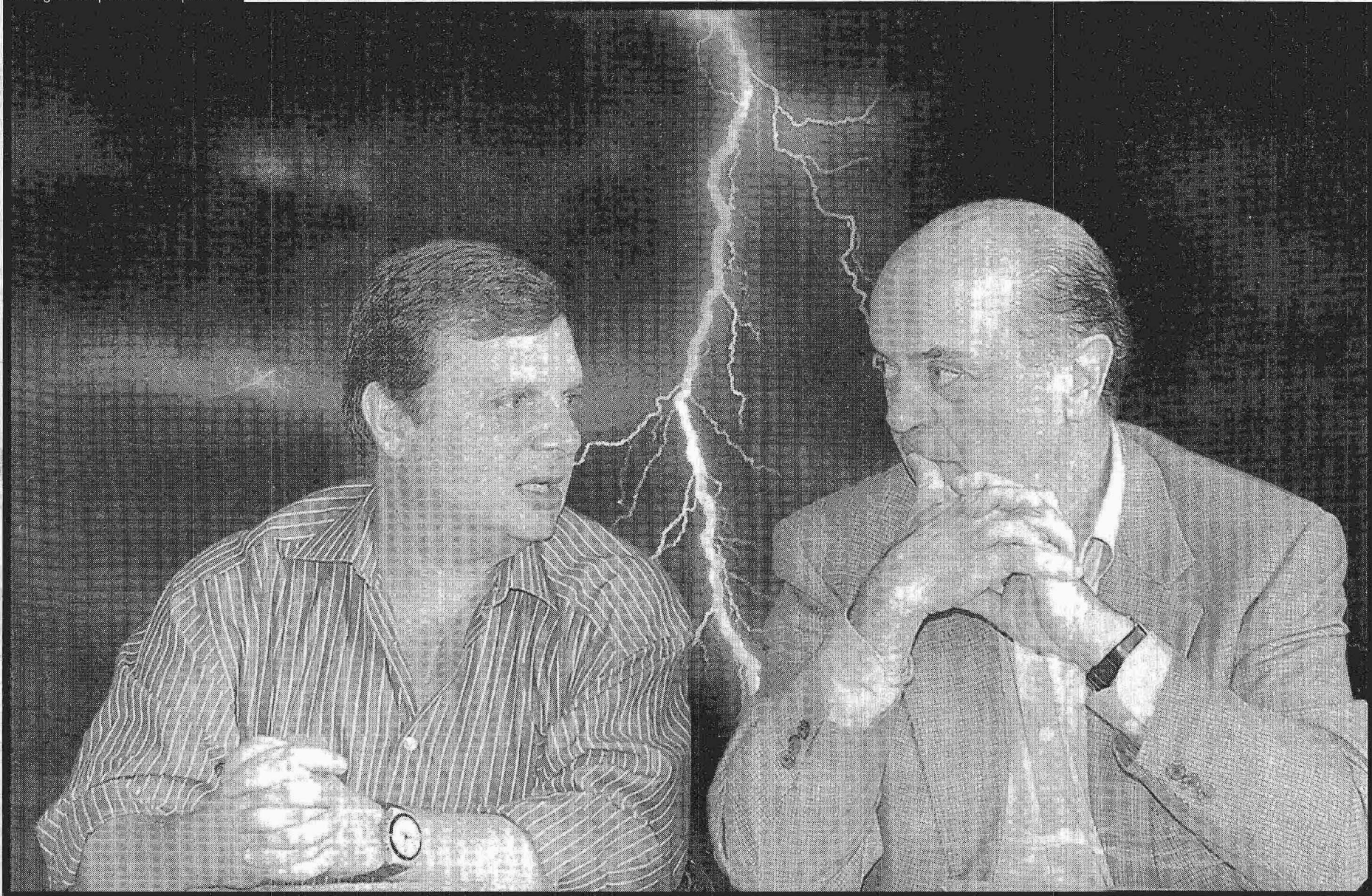


SUCESSÃO 2002

Presidente manda dizer ao governador do Ceará que não se definiu por José Serra. E o ministro da Saúde avisa ao PSDB que só sai do governo quando partido deixar clara estratégia eleitoral

/// Imagem manipulada no computador/// Foto: Raimundo Paccó. Arte: Kleber Sales



O GOVERNADOR TASSO JEREISSATI APOSTA QUE SERÁ O CANDIDATO DO PSDB A PRESIDENTE. PARA ISSO, FIA-SE EM RECADO DE FERNANDO HENRIQUE CARDOSO: O NOME AINDA NÃO É JOSÉ SERRA

190

Aviso presidencial anima Tasso

Luís Costa Pinto
Da equipe do Correio

A noite da última segunda-feira assistiu a intensas articulações políticas nos bastidores do PSDB. Reunido no Hotel Bonaparte com os generais de sua pré-candidatura presidencial, o governador do Ceará, Tasso Jereissati, recebeu do presidente Fernando Henrique Cardoso a senha que vinha cobrando para seguir a cabala por apoios dentro e fora do partido. "Qualquer notícia de definição do presidente é falsa. Foi ele quem mandou dizer isso a você, Tasso", anunciou um dos dois ministros que estiveram reunidos com o governador. "Diga ao Tasso que a luta dele é justa e certa", concluiu o ministro.

Pimenta da Veiga, ministro das Comunicações, e Arthur Virgílio Neto, ministro-chefe da Secretaria de Governo, estiveram reuni-

dos com Tasso Jereissati. Presidente nacional do PSDB, o deputado paulista José Aníbal também marcou presença no encontro. O governador, que ainda recebeu visitas de diversos parlamentares, respondeu aos recados de FHC usando o mesmo interlocutor. "Vou conversar com o Fernando Henrique lá no Ceará. Diga a ele, por favor, que temos de nos reunir a sós", acenou Jereissati. Hoje, os dois se encontram em Petrolina (sertão de Pernambuco) e depois viajam juntos para o interior cearense. "Vou perguntar ao presidente tudo aquilo que tenho vontade de perguntar e o clima de inferninho palaciano não deixa", confidenciou Tasso a um amigo antes de deixar Brasília.

Paralelo à reunião do flat onde seu adversário costuma se hospedar, o ministro da Saúde, José Serra, disparava telefonemas para parlamentares do PSDB deixando claro qual seria a sua es-

tratégia. Serra tem se dedicado à luta para derrotar Tasso na disputa para ver quem subirá nos palanques tucanos na condição de candidato a sucessor de FHC com tanto afincamento quanto se dedica à agenda de ministro. "É o seguinte: eu não me defino enquanto o partido não disser claramente quais serão as regras da disputa", disse Serra. O recado chegou ao Palácio do Planalto. Depois, conversando com um interlocutor do PSDB, o ministro explicou melhor os sinais de fumaça enviados à cúpula tucana e à turma das tertúlias palacianas. "Só saio do governo quando estiver claro o jogo que vou jogar. Quem antecipou tudo foi a imprensa, e não podemos cumprir o calendário que nos impõem", protestou Serra. "Não deixarei o ministério para entrar numa guerra dentro do partido."

O argumento é coerente, mas não é totalmente verdadeiro. O

ministro da Saúde não larga o cargo agora porque está inseguro quanto à intensidade da influência que seu nome tem dentro do PSDB. E o adversário sabe disso. "Não sei de onde o Serra tira tanta segurança de que tem maioria no partido", brincou Tasso na conversa com sua turma. Em seguida, exemplificou: "Fui lançado pela família do Mário Covas (ex-governador paulista, morto em março deste ano), que tem maioria em São Paulo. Tenho apoio quase unânime do PSDB de Minas Gerais, que é o segundo maior diretório do país, e unânime no Ceará. Tenho ótima posição no Rio Grande do Sul, no Amazonas, no Pará, em Pernambuco...". Encerrando o raciocínio, o governador concluiu para si próprio: "A única facção de peso eleitoral que fecha com o Serra é a do Espírito Santo. Essa é importante e significativa e está com ele há tempo."

José Serra, por sua vez, dissemina de maneira contínua e eficaz a idéia de que já foi escolhido por FHC e aguarda apenas a sagração da candidatura oficial. Isso mina o ânimo e os votos de Tasso. "Não sou eu quem espalha isso. É a imprensa", esquivase o ministro a quem lhe pergunta o porquê da certeza da escolha. "É óbvio que se já houvesse definição nós entraríamos em campanha." O governador do Ceará fia-se no recado enviado pelo presidente e recebido por intermédio de um dos dois ministros com quem conversou anteontem à noite para continuar de pé na guerrinha que alvoroça o ninho tucano. "Meu Deus, olhando para esse cenário, é ilógico esperar até março", lamenta o ministro da Justiça, Aloysio Nunes Ferreira. "É impossível esperar mais tempo para pôr o bloco na rua e o candidato sobre os palanques."